

I

O Diário de Mamhat

Tudo parecia calmo, estávamos na sala de um escritório. Era o início da década de 1970, e o glamour da época se fazia presente: a grande mesa na cor preta, com o vidro que a cobria, tinha belos detalhes em aço, alguns cromados faziam perfeita combinação com a luxuosa cadeira em couro.

Atrás de mim havia uma pequena prateleira com livros diversos, que, pela excessiva organização, davam a impressão de que jamais tiveram sido lidos. Entre eles, sim, a Bíblia Sagrada. Esta, ao contrário dos demais, parecia ter sido lida muitas vezes.

O chão era um enorme espaço coberto por espesso tapete que escondia o piso de madeira, só aparente nas laterais da sala.

Os quadros na parede pareciam caros e recebiam iluminação especial para surtir o efeito perfeito, mas como eu nunca entendi nada de quadros, eles não faziam a menor diferença para mim. Eles representavam a expressão da vaidade de seu dono.

Uma das paredes laterais era totalmente de vidro. Eu sabia que dali se tinha um ótimo panorama em seu vigésimo terceiro andar, porém no momento não havia vista alguma, pois as cortinas estavam totalmente fechadas por conta daquela ocasião.

Eu estava de pé, de costas para o que acontecia. Olhava ao redor, como se apenas estivesse esperando o final inevitável. A verdade é que eu não queria ver, não queria admitir aquilo tudo.

Desejava olhar a vista, mas as cortinas impediam. Então observava a mesa, os objetos requintados e ordenados sobre ela. A cadeira. Os livros. Eu tinha de encontrar algo em que fixar minha atenção, mas era

impossível, eu teria mesmo de presenciar o que aconteceria. E onde estavam os anjos que vêm no momento da morte?

De onde eu estava podia ver uma ante-sala, com três sofás também em couro e na cor preta, que rodeavam uma pequena mesa de concepção invejável, sobre a qual estavam flores e revistas.

A parede principal exibia uma belíssima coleção de espadas, umas do tipo samurai, outras medievais, algumas das Forças Armadas e umas desconhecidas por mim. Contemplei-as por alguns segundos. Iludi-me que as conhecia.

Parecia-me perceber a existência de outras almas ali, era uma sensação diferente, como a de um momento crucial e decisivo para algo, não sabia explicar, só sabia que não eram os anjos da morte. Na verdade nem parei direito para raciocinar, havia algo mais importante acontecendo.

Ao chão, assustado, estava meu amigo, aquele que eu deveria proteger. Tentava encontrar uma resposta para aquela cena, uma forma de amenizar meu sofrimento, algo que pudesse justificar a ocasião sem me comprometer. Tudo indicava que eu havia falhado.

Eu, Mamhat, um anjo inexperiente, estava vendo minha primeira missão na Terra virar um fracasso. Depois de muito ensinamento e persistência, eu me via como um fracassado. Chegava a hora de meu protegido morrer, e só o que faltava naquela sala eram os anjos que sempre apareciam para conduzir a alma desencarnada aos céus. Talvez porque seu destino não fosse o céu, e havia motivos para isso.

Aproximei-me, como quem duvida do que vê. Tomas de Lucca tinha voltada para sua face uma arma que o mantinha imóvel, era a famosa .45 de Gonzalez, que a segurava com nítido sentimento pesaroso.

Ali estávamos, eu caí de joelhos de frente ao meu protegido que, mesmo assustado, ainda transmitia a mesma segurança de sempre.

Sentia-me impotente, fraco, frustrado, arrependido de algo. Esses sentimentos não faziam jus a mim mesmo.

Na sala, nada se ouvia. Parecia que todos estávamos a contemplar aquele fim. Sequer o som da respiração era percebido. Os dois suavam frio. Eu podia sentir a frequência cardíaca deles, que estava além do normal.

Tomas demonstrava força de vontade. Estava disposto a morrer daquela forma e nunca demonstraria seu medo. Ele jamais se venderia.

Gonzalez estava desconsolado. Era como se estivesse matando o próprio filho. Ele admirava muito meu protegido. Diversas vezes havia dito que o queria como filho, que daria tudo para ter um filho como Tomas.

Aqueles segundos pareciam uma eternidade.

Pensei comigo que naquele instante Tomas deveria estar vendo o famoso filminho que dizem manifestar-se em nossa mente antes da morte. Eu não me lembrava de minha morte, não me lembrava nem mesmo de como havia me tornado um anjo guardião, tampouco o motivo pelo qual Tomas era o meu protegido.

E nesse momento, então, nenhum filme ou mensagem desse tipo passou em minha mente, e não pude saber se na mente de Tomas o passava, mas sei que a lembrança dessa imagem nunca se dissiparia. Era como um arrependimento, um sinal de que algo se perdeu, de que algo estava errado, porém não pude trair a mim mesmo, eu precisava fazer o que fiz. Nunca me arrependi, embora soubesse que algo em mim recusava tal ato.

Investido de todo o medo e pavor que um anjo jamais pôde sentir, em desespero para salvar meu protegido, quebrei a maior regra imposta a um anjo de minha classe. Eu interfeiri na história dos homens encarnados.

II

O Julgamento de Mambat

Eu sabia bem o que tinha feito, sabia que perderia minha posição, não poderia mais ser um anjo mentor, não poderia mais ficar ao lado de homens encarnados para ajudá-los, não poderia mais os aconselhar e consolar. Havia uma mancha em minha aura. Eu havia traído minha missão, meu juramento.

Agora sabia também de teria que passar por meu próprio julgamento.

Eu nunca havia pensado nisso, em meu julgamento. Mas se tivesse de pensar em uma forma, jamais teria imaginado algo tão simples, frio e rápido. Seriam todos os julgamentos assim?

Era um ambiente neutro em todos os aspectos, sem luz, frio, calor, som, nada. Apenas a sensação de que outros lá estavam. Outros muito superiores. Almas de elevado conhecimento que podiam criar um mundo imaginário, que podiam criar tudo em que se pudesse crer e tudo que se pudesse sentir, tinham inclusive o dom de restarem despercebidos, de ficarem invisíveis a espíritos como eu, ainda em evolução natural.

Simplesmente senti um ser chegar ao meu lado e perguntar por pensamento:

— *Você sabe por qual razão está aqui?*

Sim, eu sabia e, sem responder, já senti o peso que a situação impunha em minhas costas. Assim começou o meu julgamento, em total silêncio e consciência.

— *Por que você fez isso, depois de tanta dedicação? Por que interferiu na história dos homens?*

Eu nada respondia, pois tinha a certeza de que nada adiantaria, nenhuma defesa, nenhum pedido de desculpas.

Nada modificaria a situação, e eu deveria escolher entre recomeçar o treinamento de evolução ou reencarnar e tentar mudar o destino que eu mesmo havia criado. Tanto seria assim que essa foi a proposta:

— *Você deve conhecer as conseqüências e poderá fazer a sua opção. Por sua falha, somente há duas formas de se consertar o erro: recomeçar o treinamento de evolução, com atendimento às almas recém-chegadas, ou reencarnar e tentar equilibrar sua alma novamente.*

A pergunta tinha sido efetivada em vão, todos já sabiam em que eu pensava. Eu jamais reencarnaria novamente, tinha aflição de viver em meio ao ódio e à disputa dos homens. Retornar ao treinamento seria a correta opção, mas eu não acreditava mais nos atos da Divina Providência. Então respondi:

— *Mesmo que para nada sirva, peço perdão, mas não o faço na esperança de ser perdoado no sentido de esquecerem meu erro, peço perdão se ferir a confiança da Divina Providência. E mais ainda, peço perdão pelo que decidirei, se peço frente a Deus. Decido alterar o rumo de minha existência, opto pelo banimento.*

Apesar de estarem cientes do meu pensamento, ninguém estava a crer que eu assim procederia. Realizou-se uma comunicação por pensamento coletivamente, era como uma tempestade, um grande vendaval que desorientava o pensamento, a visão e a audição.

Todos agiam de forma frenética, como se desequilibrassem a paz do início. Era como se tivessem feito uma aposta errada, era como se tivessem perdido algo de valor. Nessa fase eu ainda não compreendia isso.

O mais sereno dos seres, que estava mais afastado e não havia se pronunciado ainda, veio ao meu encontro. Diferentemente dos outros, ele era visível e tinha o semblante natural do amor e da compreensão. Antes mesmo de ficar bem próximo, já pude sentir seu amor e eis que,

com uma voz doce, de quem já carregou muitos séculos de responsabilidade e gratidão, disse:

— *Meu jovem anjo, eu sei o que é errar, pois com a idade de minha existência pude colecionar muitos erros. Já errei mais do que você possa imaginar e também já tomei essa mesma decisão sua uma vez. Acredite, o caminho não é esse, há mais que saber para poder compreender a razão da Divina Providência. Tenha compaixão consigo mesmo, saiba aceitar seu erro e passe a não puni-lo tão drasticamente. Você estará novamente com uma missão em pouco tempo, mas primeiro terá de equilibrar seu coração, pois o desequilíbrio leva a alma a caminhos inseguros e ao mal, e foi por isso que você acabou cometendo um erro radical.*

Chamavam os atos básicos de erros radicais, eram como a raiz que prende o reflexo à sua base original e o nutre. Tal como a raiz da árvore, que a prende ao solo e a alimenta, o ato básico mantém o efeito ligado à causa, e essa ligação alenta sua perpetuação — “causa e efeito”. Um ato de amor radical pode gerar uma grande nuvem de paz, assim como um erro radical pode levar ao caos absoluto.

Não entendi o que queria dizer o velho anjo, mas sábio tinha certeza de que era. Não entendia a razão de tamanha preocupação, já que, em minha concepção, eu era apenas mais um anjo. Eu, cometendo um erro radical? Retruquei de pronto:

— *Não foi um erro radical, meu Senhor, f..*

Ele me cortou, dizendo:

— *Não sou seu Senhor, sou seu irmão, e um dos caçulas. Chamo-o jovem por seu comportamento, que se parece com as traquinagens de um adolescente descobrindo as conseqüências dos próprios atos.*

Aquilo me confundiu, mas continuei:

— *Um erro radical me levaria a um erro maior, até que eu pudesse sentir o efeito dele em minha existência. Todavia, creio ter sido apenas uma decisão radical, uma decisão que me levará ao caminho em que eu mais acredito.*

Ele respondeu:

— *Então considero ser melhor adiar o momento de decidir sobre seu destino. Você ainda está em desequilíbrio, tente se acalmar, fique nos bosques do éden, reflita... Continuaremos em outro momento.*

Mas minha decisão não tinha sido tomada naquele instante, nem no momento em que quebrei a regra maior e afetei a história dos homens.

— *Senhor, lamento se o desaponto, mas minha decisão em contrariar orientações da Divina Providência já vem sendo alimentada há certo tempo. Há anos venho construindo um pensamento que não coaduna com as lições Divinas. Não estou me punindo, estou encerrando um conflito pessoal, não posso mais continuar com pensamentos conflitantes à Divindade, nem sentir que estou traindo meus próprios sentimentos. Preciso fazer o que creio ser melhor e mais importante.*

O bom senhor não estava mais à minha frente, havia desaparecido ou estava muito longe. Uma grande desordem se instalou imediatamente, e todos se agitavam muito, em um conflito entre os julgadores de meu ato, uma disputa que não parecia ter um vencedor.

Aos poucos tudo foi se tornando distante, mas era como se eu estivesse no mesmo lugar, e eles se distanciando.

Surgiu, então, um anjo comum. Não trazia aura iluminada, não era grande nem pequeno, não era bom nem mal, era como se fosse um homem encarnado que eu havia encontrado em uma rua.

Antes que eu pudesse perguntar quem ele era, sua voz já me alcançou. Tratava-se de uma voz audível, não mais por pensamento:

— *Puxa, que coisa. Mais um grande anjo para fora do paraíso, isso ainda acabará se tornando comum. O céu vai acabar logo.*

Então fui direto, como ele:

— *Saí por decisão e, por acreditar que os anjos se encontram por afinidade, diga-me: se pensa como eu e também deve ter saído da Divindade, por que ainda vaga sem destino? Seus sentimentos o traíram? Você fracassou? Fracassarei também?*

Ele, muito calmamente e demonstrando equilíbrio de forças notável, simplesmente respondeu sorrindo:

— *Você não deve mesmo se lembrar de mim, um belo trabalho Divino fizeram... apagar parte do “seu eu” assim... Bem, de qualquer forma posso lhe adiantar: não fracassei, ao menos não ainda; não vago sem destino, vim em sua busca; você não fracassará de forma alguma, pois é perfeito, tanto que aqui está. Meu nome é Galdus. Nem estou acreditando, você voltou!* — e continuou a sorrir.

Eu, perplexo e sem nada entender, fiquei em silêncio. Ele continuou:

— *Venha comigo, há muita gente que te espera há longo tempo. Ah, queria lhe dizer duas coisas antes de irmos: uma é que você faz muita falta, e a outra é parabéns! Você provou a maior e mais perigosa tese já desenvolvida pela Terceira Ordem.*

De pronto perguntei:

— *Terceira Ordem?*

— *Sim, a nossa sociedade! A Divina Providência ignorou nossa manifestação, e alguns anjos e demônios passaram a nos classificar como espíritos da Terceira Ordem, em que estariam os espíritos pouco desenvolvidos e as almas que ainda guardam dores e saudades da vida material. Mas não somos isso, e com o seu retorno tudo será diferente! Vamos, assim que este local perder a energia dos anjos julgadores estará repleto de demônios; afinal, com o seu banimento consentido por Tamisau, em outro lugar você não poderia estar senão às margens de Aqueronte, o rio lodoso e sem vida que demarca o local das almas perdidas.*

Eu, de uma forma ou outra, sabia tudo aquilo, e talvez até mais, podia inclusive ver os demônios atrás da névoa de energia divina. Os demônios não me assustavam, mas aquela situação sim. Eu não estava preparado para o que estava acontecendo, entretanto podia sentir que não era uma mentira, era real.

A decisão que eu havia tomado era um desejo de meu coração. Eu havia confiado em mim mesmo e não poderia agora voltar atrás, tinha

de continuar a confiar em mim, e foi o que fiz. A investida foi tamanha que não o segui; pelo contrário, a partir de um gesto com a cabeça o chamei para me seguir e eu fiz a condução.

Os demônios apenas observaram e permaneceram assim até sumirmos da visão deles, em meio àquela forte neblina de energia.

III

O Retorno à Terceira Ordem

Devo confessar que não entendia tudo o que estava acontecendo, especialmente porque acontecia tudo muito rapidamente. Era muita informação de uma vez só. Precisava refletir, mas isso parecia impossível nesse momento. Faltavam condições psicológicas ante tantos fatos e mudanças.

Tínhamos, Galdus e eu, deixado os demônios um instante atrás. Eu havia abandonado a Divina Providência. Estávamos chegando em um lugar imenso, com espíritos de diversas formas e origens, espíritos brincalhões, canalhas e sábios.

O local era gigantesco, como um jardim interminável, mas praticamente morto e destruído, estava abandonado, sem luz, água ou vida. Árvores morrendo, carvalhos queimados, grama pisoteada, bancos quebrados e lago seco.

Eu parecia reconhecer aquele ambiente, mas não daquele jeito. Foi quando Galdus disse:

— *Viu? Isto é o resultado de sua ausência. Quando tudo parecia estar ficando bom, você começou com a história de uma Teoria da Evolução Espiritual.*

Eu apenas olhava aquela paisagem arruinada e tentava me lembrar, entretanto não conseguia.

Galdus, vendo minha impaciência e cobrança pessoal, antecipou-se:

— *Não se cobre dessa maneira. Estamos em casa, faremos a devida faxina, e tudo estará em harmonia novamente, inclusive sua memória. Aí você poderá me contar finalmente qual é a sua Teoria e parar com o mistério e o medo do fracasso. Tenha calma e saiba esperar o momento correto. Equilíbrio, meu mestre! Equilíbrio! E Luthus será, então, apenas uma lembrança.*

Sim, Galdus era um mestre em matéria de equilíbrio da alma e me passava uma confiança notável.

Meu pensamento foi quebrado por um extravagante clamor de boas-vindas, antes que eu pudesse perguntar por Luthus:

— *Meu guerreiro! Você demorou mais que o imaginado, mas está aqui! Dá-me um abraço forte!* — e vinha em minha direção, gesticulando e acenando cheio de ânimo. — *Ainda não se lembra de mim? Sou eu! Leny!*

Eu queria me lembrar, mas não conseguia, não ainda. Antes que eu pudesse responder algo, Galdus se antecipou:

— *Leny, vá procurar algo para se ocupar. Mamhat acaba de tomar a decisão de deixar a Divina Providência, ainda não recuperou sua memória espiritual, está confuso e precisa se atualizar. A última alma que precisa ouvir é você, não o perturbe. Ouçam todos — em alto tom de voz, chamou quem ali estava —, ouçam o que vou dizer: Mamhat venceu a mais dura tarefa e está de volta. Caminharei um pouco com ele em nosso campo, e mais tarde nos encontraremos aqui para anunciar a retomada de nossas tarefas. Estejam aqui para conhecerem o futuro da Terceira Ordem.*

Todos me observavam de longe, atentamente, sem se moverem, como se estivessem desorientados.

— *Vamos* — disse Galdus para mim —, *venha caminhar comigo e, por favor, mantenha-se longe de Leny. Ele é um espírito brincalhão, sem responsabilidades e de fácil acesso ao mal. Não podemos permitir que ele fique por perto, enquanto você estiver assim confuso.*

Já andando, começou a me contar muitas coisas:

— *Meu amigo Mambat, esperamos alguns séculos por sua volta. Muitos retornaram, a maioria já reencarnou e desencarnou diversas vezes. Tinha medo de que tudo estivesse perdido. Estive consigo por longa data, mas você não me via. Por nenhum momento pôde perceber minha presença, da mesma forma que encarnados não podem nos ver. Espero que sua memória espiritual esteja de volta em pouco tempo.*

— *Galdus* — eu disse —, *não me leve a mal, mas não me lembro sequer de você, e muita coisa não faz parte de mim ainda, estou confuso mesmo.*

— *Não se preocupe* — com um sorriso no rosto e muito atencioso, ele começou a responder. — *Essa memória pode ser limitada, pouco ou muito, quando encarnamos e, geralmente, ela volta aos poucos quando retornamos, a fim de evitar impactos. Muitos precisaram dessa sistemática e isso, hoje, é rotina para todos. Quando você deixou a Divina Providência, Tamisau não a liberou, deve haver uma razão. Logo, ela terá de voltar por si só, mas você é um mestre, sua espiritualidade está além da compreensão média, não vai demorar.*

Ele estava certo, a cada instante flashes iam e vinham. Para cada rosto que eu olhava naquele local, tinha uma lembrança perdida. A cada passo eu podia algo mais, algo além da visão. Sentia muitas coisas, coisas que sequer estavam ali. Minha autoconfiança vinha em cada flash. A sensação era ótima, sentia-me como se estivesse jovem e forte, gigante e poderoso. Começava a achar que minha decisão havia sido perfeita.

— *Amigo* — continuou Galdus —, *isso tudo estava lindo. Quando você partiu, este lugar perdeu o brilho, novas almas vieram e elas não tinham a mesma sintonia que nós. Alguns de nós partiram quando o tempo passou e você não voltava, a energia daqui foi sugada pelos pobres de espírito que*

brigavam por ela. Hoje, sem essa energia, eles ficam caídos por aí, muitos sem consciência, sem memória ou ânimo.

Paramos no alto de uma colina, de onde eu podia ver a extensão daquele lugar. Eu estava maravilhado, porque, apesar de avistar tudo arruinado, já podia visualizar como estaria em pouco tempo, com a certeza absoluta de que eu podia transformar aquele local.

Virei-me para Galdus e, sem pensar, disse:

— *Vamos, não adianta esperar. Foi esperando que este lugar ficou assim, é hora de fazermos algo correto. A Divina Providência nos assiste, eu posso sentir. Também os demônios estão a nos vigiar, e esses eu posso inclusive ver* — em tom autoritário, como se dirigisse as palavras em recado, completei. — *Sei que pretendem algo, estes demônios estão aqui somente para analisar, mas outros já estão se reorganizando. Vamos trocar a energia daqui, assim eles não ficarão por perto.*

Enquanto eu dizia isso, via dezenas de demônios atrás de pedras, arbustos secos, árvores sem vida. Alguns corriam como se fossem levar o recado, outros corriam apenas de medo, outros desejavam fazer parte daquilo tudo e fitavam o momento com sede de séculos. A expressão de alguns poderia apavorar até os mais sérios sábios espíritos. Mostravam raiva, inveja e desejo — eles queriam essa energia, queriam o meu lugar, queriam a mim. Mas por quê?

— *Este lugar estava feio* — argumentou Galdus —, *mas não assim. Parece que o céu e o inferno já sabem de você e sua nova situação.*

— *Não há problemas. Se sabem de mim, nada podem fazer, afinal não sabem o que eu farei de agora em diante* — e, com um gesto de minha mão, trouxe a falta de visão a eles, tornando-nos, Galdus e eu, invisíveis aos demônios. — *Voltem ao seu mestre, aqui vocês nada terão* — e sumimos em uma névoa que passava.

Mais uma vez, deixamos os demônios para trás, alguns com expressão de ódio, outros de surpresa, outros com nítida demonstração de que queriam vingança.

IV

A Reunião

A pesar de meio confuso com tantas novidades, eu havia tomado uma decisão, havia escolhido ser banido do grupo de anjos, foi uma opção forte. Renunciei à Divina Providência, abdicando dos portões e da segurança em troca de uma crença, de um sonho que nem sabia exatamente qual era.

Talvez a Divina Providência não tivesse conseguido apagar toda a minha memória espiritual, talvez minha crença fosse maior que tal imposição, talvez meu coração fosse totalmente fiel a esse sonho que agora eu lutava para relembrar. Talvez havia algo mais, algo perturbador.

Agora, do alto de um templo, eu encarava os seres da Terceira Ordem ali presentes para me ouvir. Muitos haviam esperado por décadas ou séculos e queriam, ou melhor, mereciam ouvir algo razoável. Aguardei um pouco alguns que ainda estavam chegando e movimentavam-se com dificuldades, como se estivessem cansados ou fracos. Era pura pobreza de espírito, pois um espírito se alimenta de sua crença, não pode ficar fraco ou cansado. Ali faltava esperança, somente isso. Tal preciosidade eu sentia ser capaz de conceder a eles.

Sim, faltava um desafio, um limite a quebrar, uma missão, um ânimo para prosperar. Era sobre isso que queriam ouvir.

Eu havia justificado à Divina Providência que minha decisão advinha de um desejo que se arrastava há muito tempo. Era o meu passado que gritava por mim, era esse momento que aclamava minha presença, precisava terminar o que um dia havia começado.

Era a hora de recomeçar o que eu um dia havia proposto, e, com a mesma expressão de certeza de quando me impus à Divina Providência, principiei meu discurso aos ouvintes:

“Almas da Terceira Ordem, ouçam o que eu tenho para dizer há muito tempo. Tenho uma crença e lutarei por ela. Um dia deixei este lugar para buscar a prova de que precisava e voltei porque já tenho a resposta.

Em primeiro lugar, quero deixar bem claro que este lugar não é digno desse sonho, não da forma como está. Vocês não foram dignos de manter este paraíso, por isso acredito que muitos aqui não são dignos de permanecer nesse sonho. Então, que saiam agora ou sofrerão as duras penas de meu ódio.

Fiz deste local minha casa e a vocês emprestei. É assim que me devolvem? Saiam de minha casa e não voltem mais, nem para pedir perdão, pois quem perdoa é Deus, e eu sou muito menos que Ele e não tenho tamanha evolução para perdoar essa falta de amor. Saiam agora.

Que fiquem somente os bravos, os guerreiros e os fortes. Meu sonho é muito grande, e, para ser alcançado, temos de passar por grandes batalhas. Não teremos tempo para os mais fracos, nem paciência com os inseguros, sequer misericórdia com os pobres de espírito.

Quando no passado ficamos isolados, sem lugar, conceituaram-nos, dos portões do céu ao limite do inferno, de seres da Terceira Ordem. Fomos qualificados como inferiores, como fracos, como desordenados. Recuso-me a acreditar nisso. Assim o fizeram para sermos desacreditados, mas eu sou a prova maior da vitória do sonho. Estou aqui, vim para lutar e não fracassarei, pois se tivesse de partir para falhar, teria falhado em outro lugar, não teria me dado ao trabalho de passar por tudo o que passei para voltar e fracassar.

Sozinho nada farei, sequer poderei começar. Por isso conto com os mais fortes, com aqueles que acreditam poder ser mais que seres da Terceira Ordem. Conto com os seres de respeito e nobres de espírito.

Aqueles que querem provar serem capazes, aqueles que querem vencer, que fiquem para lutar, que fiquem para vencer, pois este é o momento em que a história mudará.

O bem e o mal lutam por milênios, e nós faremos a diferença.

Não podemos ser escravos de regras, não podemos esperar que o amor simplesmente venha a surgir em cada ser vivo, não podemos passar a eternidade esperando em um local perdido entre o céu e a Terra.

Traremos a paz para a Terra à nossa maneira, visto que o céu não foi capaz de agir com punho eficiente. Os demônios terão de procurar outro lugar para remoer sua inveja e desgosto.

A Terra precisa de nós, a Terra quer paz, a Terra precisa viver, e nós sabemos que os homens estão próximos do seu fim.

Os homens são cegos, não vêem que o caos está instalado, não vêem que o fim está próximo e que o céu não pode ajudá-los.

A profecia religiosa prega, em simples palavras, que o fim virá, os mortos ressuscitarão, e o Juízo Final cuidará do destino de cada um, porém saibam que na Terra há milhões de pessoas que querem ser salvas, só que não se deram conta disso, nem sabem como fazer.

Milhões de pessoas precisam ser salvas, porque sequer perceberam que o fim não terminará com o sofrimento, mas apenas selará a eternidade.

O Juízo Final levará os bons, e a Terra ficará repleta de homens reencarnando em vidas humilhantes, pois serão escravos do mal, e cada demônio se alimentará de um vivo desgraçado. Os bons não mais poderão voltar à Terra e continuar a evoluir nesse lindo planeta.

O que faria a Divina Providência? Levaria as boas almas para um paraíso eterno? Um descanso sem fim?

Nada disso me convence! Eu amo a vida na Terra, já tive dezenas de boas vidas lá e sei que muita gente pensa como eu. Recuso-me a entregar a Terra aos demônios, recuso-me a abandonar almas ao sofrimento. Sonho em um dia poder voltar a viver lá.

Que Deus é esse que deixa filhos para trás? Deus não deveria ser o amor incondicional? Deus não deveria aparecer e orientar seus filhos? O que seria de uma criança se fosse deixada em uma floresta, um ser evoluído e sábio ou um animal selvagem?

Foi isso o que Deus fez conosco, foi isso o que Deus nos tornou: animais selvagens!

Nego-me a permanecer humilhado por um demônio, não admito ver o mal tirar a vida de uma boa pessoa.

Eu infrinji a maior regra da Divina Providência como anjo mentor: interfeiri na história dos homens por esse ideal."

Até esse momento a multidão ouviu calada, mas minhas revelações criaram agitação. Parecia que seria impossível continuar o discurso. Todos se entreolhavam, todos falavam, até os mais fracos se levantavam. Eles também não haviam percebido isso tudo. Estavam inquietos pelo fim que se aproximava.

Parei um instante e observei tudo aquilo. Notei Galdus ao meu lado, sorrindo serenamente e balançando a cabeça. Então falou em voz baixa em meu ouvido:

— *Seja bem-vindo, meu amigo. Eu sabia que você voltaria e retomaria a luta. Eu sabia que nem mesmo a Divina Providência poderia apagar do seu coração o que você é. Você é um grande líder, agora termine seu discurso.*

Retomei o discurso com um grito:

— *Se somos da Terceira Ordem, então agora a Terceira Ordem será majestosa, pois aqui só há vencedores!* — o povo empolgado ria e comemorava, abraçavam-se, alguns choravam. — *De agora em diante é muito bom os demônios e os anjos terem respeito pela Terceira Ordem, pois ela agora é outra. A Terceira Ordem será formada por espíritos evoluídos e de Luz. Será formada por um grupo que lutará por um sonho digno de ser alcançado!* — todos se abraçavam, riam, pulavam. — *Vamos mostrar ao inferno que não temos medo e ao céu que merecemos respeito por nossos ideais.*

O barulho era quase ensurdecedor.

— Eu tenho um assunto inacabado, por isso terei de partir, mas voltarei em dois dias. Quero este lugar digno de nossos ideais, digno de nosso sonho, digno de nossa luta, digno de nós!

Todos estavam tão felizes que sequer viram que me afastei. Admirei tudo por mais um instante, virei-me e saí, deixando para trás um povo com energia renovada.